



III Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas

L U S O C O N F
2021

LIVRO DE ATAS

Proceedings

Editores:

Carlos Teixeira
Vitor Gonçalves
Paula Odete Fernandes
Carla Sofia Araújo

Instituto Politécnico de Bragança
setembro de 2022

Ficha Técnica

Título

LUSOCONF2021
III Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas: livro de atas

Editores

| | |
|------------------------------|-----------------------------------|
| Carlos Teixeira | Instituto Politécnico de Bragança |
| Vitor Gonçalves | Instituto Politécnico de Bragança |
| Paula Odete Fernandes | Instituto Politécnico de Bragança |
| Carla Sofia Araújo | Instituto Politécnico de Bragança |

Capa

António Meireles e Vitor Gonçalves

Edição

Instituto Politécnico de Bragança
Campus de Santa Apolónia
5300-253 Bragança
Portugal

Data de edição: setembro de 2022

ISBN: 978-972-745-295-8

DOI: 10.34620/lusoconf.2021

Handle: <http://hdl.handle.net/10198/25130>

URL: www.lusoconf.ipb.pt

Email: lusoconf@ipb.pt



| | |
|--|-----|
| Moors and Christians: from the reconquered Iberia to the christianisation of the new world..... | 313 |
| O olhar nostálgico do (não) Retorno, de Dulce Maria Cardoso | 321 |
| The nostalgic look of the (non) Return, by Dulce Maria Cardoso | 321 |
| Recursos didáticos na aprendizagem do conhecimento do mundo | 328 |
| Didactic resources in learning of the world knowledge..... | 328 |
| A cidadania está na escola!..... | 339 |
| Citizenship is in school!..... | 339 |
| Doença de Parkinson: estudo epidemiológico de diagnósticos ativos no distrito de Bragança | 351 |
| Parkinson's disease: epidemiological study of active diagnoses in the district of Bragança | 351 |
| Análise do sistema de ensino brasileiro e português na sociedade do conhecimento | 357 |
| Analysis of the Brazilian and Portuguese education system in the knowledge society..... | 357 |
| Que farei com este texto? – a poesia no 1.º ciclo do ensino básico..... | 365 |
| What shall I do with this text? – poetry at elementary school | 365 |
| Que farei com estes livros? – propostas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico..... | 372 |
| What shall I do with these books? – pedagogical proposals for elementary school | 372 |
| <i>Olifaque -uma farsa em emigres-</i> reflexões à volta da portugalidade..... | 380 |
| <i>Olifaque -uma farsa em emigrês-</i> reflections about portugality | 380 |
| O mundo de expressão portuguesa no Festival de Cinema de Avanca: encontro de mundos..... | 387 |
| The Portuguese-speaking world at the Avanca Film Festival: gathering of worlds | 387 |

Comissão Científica

| | |
|-----------------------------|--|
| Adília da Silva Fernandes | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Albert Wall | Universidade de Zurique, Suíça |
| Albino Bento | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Alcina Maria Nunes | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Alexandra Soares Rodrigues | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Amélia Polónia | Universidade do Porto, Portugal |
| Amílcar Teixeira | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Ana Maria Brito | Universidade do Porto, Portugal |
| Ana Maria Martinho | Universidade Nova de Lisboa, Portugal |
| Ana Paula Monte | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Ana Sofia Cardim | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| António Borges Fernandes | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| António Domingos Abreu | Reserva Biosfera Ilha do Príncipe, São Tomé e Príncipe |
| António Meireles | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Artur Gonçalves | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Augusto Soares da Silva | Universidade Católica Portuguesa, Portugal |
| Betina Lopes | Universidade de Aveiro, Portugal |
| Bruno Sousa | Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Portugal |
| Carla Araújo | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Carla Guerreiro | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Carlos Teixeira | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Carlos Casimiro da Costa | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Catarina Martins | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Cláudia Costa | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Cristina Flores | Universidade do Minho, Portugal |
| Cristina Martins | Universidade de Coimbra, Portugal |
| Cristina Mesquita | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Elsa Esteves | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Emília Nogueiro | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Fernanda Amélia Ferreira | Instituto Politécnico do Porto, Portugal |
| Fernando José Fraga Azevedo | Universidade do Minho, Portugal |
| Fernando Ramallo | Universidade de Vigo, Espanha |
| Francisco Paiva | Universidade da Beira Interior, Portugal |
| Francisco Topa | Universidade do Porto, Portugal |
| Graça Rio-Torto | Universidade de Coimbra, Portugal |
| Graça Santos | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Isabel Aires de Matos | Instituto Politécnico de Viseu, Portugal |
| Isabel Margarida Duarte | Universidade do Porto, Portugal |
| João Cunha | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| João Paulo Madeira | Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde |
| João Veloso | Universidade do Porto, Portugal |
| Joaquim Mendes Leite | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Jorge Manuel Alves | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| José António Brandão | Universidade do Minho, Portugal |
| José Pires Laranjeira | Universidade de Coimbra, Portugal |
| José Teixeira | Universidade do Minho, Portugal |
| Lídia Santos | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Luciana Pereira da Silva | Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil |
| Luísa Lopes | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |
| Manuel Ângelo Rodrigues | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal |

Recursos didáticos na aprendizagem do conhecimento do mundo

Didactic resources in learning of the world knowledge

Catarina Silva¹, Ilda Freire-Ribeiro² ^[0000-0003-1033-8614], Carlos Teixeira¹ ^[0000-0002-7303-3570]

cpds1994@gmail.com, ilda@ipb.pt, ccteixeira@ipb.pt

¹Instituto Politécnico de Bragança, Portugal.

²CIEB, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal.

Resumo. Neste artigo apresenta-se parte do processo de ação pedagógica realizada na Prática de Ensino Supervisionada (PES), inserida no plano de estudo do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Optou-se por seguir uma linha investigativa incluindo a temática do uso de recursos didáticos na abordagem aos conteúdos inerentes à área do conhecimento do mundo. Partiu-se da ideia de que os recursos didáticos, utilizados nos mais diversos contextos educativos, são fundamentais para a construção de conhecimento sobre o mundo. A utilização de imagens, vídeos, cartazes, mapas e atividades práticas, por exemplo, facilita o entendimento, a análise e a interpretação por parte das crianças. Ao longo da PES, tentou perceber-se de que forma os vários recursos didáticos podem sustentar e contribuir positivamente para a aprendizagem das crianças e, conseqüentemente para o conhecimento do mundo que as rodeia. Desenvolveu-se uma investigação de natureza qualitativa, com um grupo de vinte e uma crianças da Educação Pré-Escolar com idades de três, quatro, cinco e seis anos. Recorreu-se à observação participante, notas de campo e grelha de observação. A análise dos dados indica que a manipulação e utilização de vários recursos didáticos leva a que haja uma maior motivação e empenho na realização das atividades, contribuindo para aprendizagens significativas em diferentes áreas de conhecimento.

Palavras-Chave: Recursos didáticos, Conhecimento do Mundo, Prática de Ensino Supervisionada, Pré-Escolar.

Abstract. This article present part of the process of pedagogical action carried out in the Supervised Teaching Practice (PES), inserted in the study plan of the master's course in Preschool Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education. We chose to follow an investigative line including the theme of the use of didactic resources in the approach to the contents inherent to the area of knowledge of the world. It started from the idea that didactic resources, used in various educational contexts, are fundamental for the construction of knowledge about the world. The use of images, videos, posters, maps, and practical activities, for example, facilitates the understanding, analysis, and interpretation of children. We sought to provide teaching and learning experiences that promoted the exploration and manipulation of various teaching resources, challenging children to action. As a result, it tried to understand how the various teaching resources can sustain and contribute positively to the children's learning and, consequently, to the knowledge of the world around them. Qualitative research was carried out with a group of twenty-one preschool children aged three, four, five and six years. Participant observation, field notes, and observation grid were used. Data analysis indicates that the manipulation and use of various teaching resources lead to greater motivation and commitment to the performance of activities, contributing to significant learning in different knowledge areas.

Keywords: Teaching Resources, Knowledge of the World, Supervised Teaching Practice, Preschool.

1 Introdução

O conteúdo do presente artigo tem como objetivo apresentar, com o pormenor que é possível num documento desta natureza, a prática pedagógica concretizada no âmbito da PES, em contexto de Educação Pré-Escolar (EPE). Esta apresentação parte de uma explanação da intencionalidade educativa, devidamente fundamentada e leva-nos a um trabalho reflexivo sobre a ação desenvolvida, por se entender como fundamental o processo de ação-reflexão no âmbito da profissionalidade docente. Além deste aspeto, há também lugar a uma exposição e reflexão acerca do trabalho de natureza investigativa que foi realizado com base em dados relacionados com as práticas desenvolvidas no contexto em que se realizou o estágio.

Ao longo do artigo pretendemos debruçar-nos sobre a utilização dos recursos didáticos na aprendizagem com particular destaque ao que se refere à área do Conhecimento do Mundo. Trata-se de uma opção em que se procurou perceber como é que a utilização de diferentes recursos contribui para que a criança continue a construir e a desenvolver o seu conhecimento sobre si e sobre o mundo. A preferência pelo foco na área do Conhecimento do Mundo é entendida à luz dos referenciais, nomeadamente as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (OCEPE), que consideram esta área uma porta de entrada para outras áreas e domínios do saber.

Numa altura em que a criança tem ao seu dispor um variadíssimo leque de recursos que podem ir do manual escolar às tecnologias, é importante saber perceber como é que os variados recursos podem influenciar e, ao mesmo tempo, ajudar os educadores a levarem até às suas crianças os temas de uma forma mais lúdica e criativa, e com efetivos resultados no âmbito de múltiplas aprendizagens. Visa-se, portanto, questionar, planificar, desenvolver e avaliar o papel dos recursos nos processos pedagógicos de modo a, não só, cativar as crianças para o conhecimento de si e do mundo que as rodeia, mas também para um efetivo desenvolvimento sustentado no conhecimento, no âmbito das múltiplas competências a desenvolver ao longo da vida. Antes de mais, importa salientar a necessidade de ser promovida a utilização de recursos variados e adequados às crianças. Atualmente os educadores têm à sua disposição uma panóplia de recursos pelo que importa conhecê-los, selecioná-los e usá-los tendo em conta o grupo, o conteúdo a abordar, a duração da atividade, as intencionalidades, entre outros.

Neste sentido, Santos e Belmino (2013) postulam que o uso de recursos variados “desenvolve a capacidade de observação, aproxima o educando da realidade e permite com maior facilidade a fixação do conteúdo e conseqüentemente, a aprendizagem de forma mais efetiva, onde o educando poderá empregar esse conhecimento em qualquer situação do seu dia-a-dia” (p.3). Sabemos que, efetivamente, a aprendizagem acontece quando a criança é capaz de ativar os saberes em novas situações, implicando a sua capacidade criativa e reflexiva. É com este foco no desenvolvimento de atividades, sustentadas em recursos pedagógicos inovadores, adequados e estimulantes, que nos posicionamos e que trabalhamos ao longo da prática pedagógica, possibilitando a produção de materiais diversificados para tornar o ambiente de aprendizagem mais rico e inovador.

2 Recursos didáticos no processo de ensino aprendizagem

As crianças são muito dedicadas em descobrir sempre mais e em querer saber mais, por isso é necessário criar cada vez mais situações que levem ao desafio para que possam explorar e aprender. Em determinadas situações há necessidade de recorrer a determinados suportes que podem ir desde a “voz”, o quadro interativo e os manuais escolares, por exemplo, até aos mais diversos materiais e até mesmo à utilização de tecnologias. Os recursos didáticos assumem um papel relevante tornando-se bastante importantes e grandes aliados para a construção do conhecimento e aprendizagens mais significativas.

Estes “suportes” englobam um conjunto de instrumentos – denominados, na literatura da especialidade, como 'recursos', 'materiais', ou 'meios' e concomitantemente designados de 'didáticos' ou 'educativos' – utilizados no processo de ensino-aprendizagem com o objetivo de facilitar ou melhorar as atividades e as aprendizagens (Graells, 2000).

Segundo Spiegel (2000, citado em Ricoy & Couto, 2012), um “recurso didático pode ser tudo o que o docente reconheça de utilidade, como material, estratégia ou ferramenta de trabalho na aula” (p. 243). Também Souza (2007) define recursos didáticos como o “material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor [educador/a] aos seus alunos [crianças]” (citado em Santos & Belmino, 2013, p.3).

A introdução de diversos recursos didáticos no ato educativo pode despertar na criança a curiosidade e o desejo de querer aprender, de uma forma mais motivadora e interessante. É importante estimular a curiosidade da criança para o mundo e, ao apresentar-lhe diferentes recursos nas atividades desenvolvidas, torna-se fundamental para que as crianças os possam utilizar e explorar para que consigam cada vez mais terem conhecimento e saberes sobre tudo o que esta à sua volta. O uso de recursos didáticos, na opinião de Ricoy e Couto (2012), poderá tornar “os processos formativos mais apelativos, possivelmente mais rigorosos e de melhor compreensão, estimulando os alunos, potenciando a extensão das suas capacidades e, conseqüentemente, contribuindo para o sucesso das suas aprendizagens” (p. 246).

Numa tentativa de classificar os diferentes recursos didáticos, Karling (1991, citado em Ferreira, 2007) classifica-os em: (i) recursos visuais; (ii) recursos auditivos; (iii) recursos audiovisuais e (iv) recursos múltiplos. Por outro lado, Graells (2000) organiza os recursos didáticos em três tipos: materiais convencionais, materiais audiovisuais e novas tecnologias. Karling (1991, citado em Ferreira, 2007) e Graells (2000), têm a mesma linha de pensamento sobre as funções dos vários recursos referindo a sua importância no incentivo e no alcance de vários objetivos a atingir por parte das crianças, contribuindo para as suas aprendizagens, tornando-se num dos grandes suportes e aliados para o desenvolvimento das múltiplas aprendizagens sobre si e sobre tudo o que a rodeia. Em síntese podemos referir que os recursos didáticos ajudam na compreensão do conteúdo, despertam interesse, fornecem informação, motivam e orientam para as aprendizagens (as já adquiridas e as novas) e possibilitam a observação e exploração de conceitos, muitos deles mais distantes da realidade da criança, mas que fazem parte do mundo em que estão inseridas.

Assim, e independentemente do tipo de recurso didático utilizado, é relevante adequá-los ao momento em que são introduzidos de modo a incentivar a ação, a motivação e o interesse das crianças para a aprendizagem. Nesta linha de pensamento, Karling (1991), citado em Ferreira (2007), salienta que “com material didático adequado fica mais fácil de compreender determinado assunto em estudo” (p.26). Mas é o mesmo autor que, logo de seguida, nos recorda que “é preciso saber qual seria o melhor material, onde e como seleccioná-lo e ainda como usá-lo com máximo de proveito” (p.26). Graells (2000) alerta para que o uso de um determinado recurso seja eficaz é preciso ter em conta: (i) os objetivos educativos que se pretende alcançar; (ii) os conteúdos que vão ser tratados; (iii) as características do grupo de trabalho que vão utilizar o (s)recurso(s); (iv) as características do contexto; e (v) as estratégias didáticas que se podem traçar considerando a utilização do material.

Os recursos didáticos assumem-se como grandes parceiros no processo de aprendizagem das crianças e, desde que sejam utilizados de forma adequada, podem contribuir positivamente para a formação académica e conseqüentemente para a sua formação pessoal. Podem, também, funcionar como uma motivação para início de uma atividade ou da abordagem de um conteúdo, tornando-se no fator surpresa essencial para motivar e cativar as crianças para uma primeira abordagem, uma vez que a motivação permite que as crianças estejam mais atentas, participativas e empenhadas na execução da tarefa proposta, facilitando a sua compreensão sobre o tema abordado. Ora, neste sentido, um recurso didático deve, portanto, ser escolhido de acordo com os conteúdos e respetivos objetivos de aprendizagem e intenções educativas de aprendizagem, tendo em consideração o grupo/turma onde irá ser desenvolvido e ser atraente do ponto de vista da criança. É ainda relevante ter em consideração as necessidades das crianças, bem como, o desenvolvimento e os conhecimentos prévios que adquiriram em contextos educativos formais ou informais. Os recursos devem ainda desafiar a criança e corresponder aos seus interesses e a sua escolha deverá ainda “atender a critérios de qualidade e variedade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.26).

Na EPE, os recursos didáticos ligam-se com uma das mais importantes dimensões da pedagogia: o espaço. Quer seja no interior ou no exterior da instituição, o espaço educativo na EPE pode ser um ótimo recurso, uma vez que a exploração dos materiais e objetos que integram estes espaços, por parte das crianças, promove múltiplas experiências. Por exemplo, o espaço exterior oferece variadíssimas oportunidades educativas e quando explorado pode traduzir-se em aprendizagens significativas para a criança, uma vez que, e segundo Silva, et al., (2016) nas OCEPE, o exterior é considerado

um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc.) que, por sua vez, podem ser trazidos para a sala e ser objeto de outras explorações e utilizações (p.27).

A partir de um elemento da natureza, pode-se, por exemplo, iniciar um projeto que englobe a utilização de outros recursos e de meios disponíveis. Efetivamente, o que encontramos fora do espaço interior pode constituir-se como um ótimo recurso, desde que utilizado de forma adequada e tendo sempre em vista a criança e potenciando a multiplicidade das interações que ela cria com o meio. A partir desses objetos muitas questões e temas podem surgir tornando-se numa oportunidade para que as crianças possam descobrir e aprender mais.

2.1 A área do Conhecimento do Mundo: que recursos utilizar?

As crianças quando chegam à escola trazem consigo vários conhecimentos já adquiridos e experienciados ao longo do seu trajeto. É neste sentido que a área do Conhecimento do Mundo tem de ser entendida como “uma área em que a sensibilização às diversas ciências é abordada de modo articulado, num processo de questionamento e de procura organizada do saber, que permite à criança uma melhor compreensão do mundo que a rodeia” (Silva et al., 2016, p.6).

A partir do estudo do Conhecimento do Mundo, as crianças desenvolvem “atitudes positivas na relação com os outros, nos cuidados consigo próprio, e a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e pela cultura” (Silva et al., 2016, p. 85). Numa simples ida ao espaço exterior da escola, por exemplo, é possível abordar temas que aparentemente podem ser simples, mas que têm uma grande importância para o conhecimento e desenvolvimento da criança sobre o que está à sua volta. São estes pequenos gestos que podem fazer a diferença entre uma criança ativa na sua aprendizagem e uma criança com uma postura meramente passiva, que não tem tempo, ou não se interessa, para parar e observar o que está em seu redor. Segundo Silva et al. (2016), a exploração do meio onde a criança está envolvida facilita a compreensão de situações que estão mais distantes da realidade da criança e “parte do que as crianças já sabem e aprenderam nos contextos em que vivem” (p.85) acrescentando a relevância da exploração do meio próximo da criança, atribuindo-lhe um sentido afetivo e relacional, que, na opinião das autoras, “facilita a sua compreensão e apreensão e também proporcionar a elaboração de quadros explicativos para compreender outras situações mais distantes” (p.85).

Neste ponto o/a educador/a tem um papel crucial, na medida em que deve apresentar vários recursos que ajudem a criança a questionar, a organizar o seu saber, a desenvolver a capacidade de observação, aproximando-a da sua realidade e permitindo que esta tenha uma maior facilidade na aprendizagem. Ora, os/as educadores/as “podem utilizar esses instrumentos didático-pedagógicos para desenvolver um tipo de aula [atividade] diferente, de forma mais dinâmica e proveitosa” (Santos & Belmino, 2013, p.4). De facto, quando o/a educador/a recorre a diferentes recursos educativos, a aprendizagem dos educandos torna-se mais significativa, acessível e evita que as aulas se tornem “monótonas, rotineiras ou que caíam na mesmice do dia-a-dia” (p.4).

Ao utilizar diversos recursos didáticos, tal como já dissemos, deve ter-se em conta as características das crianças e a adequação dos recursos ao grupo, pois é necessário que os recursos utilizados motivem e que vão ao encontro das necessidades e interesses trazendo vantagens para que estas aprendam com interesse e fomentem o gosto por querer saber mais e até, quem sabe, dar asas a que investiguem mais sobre o tema, procurando respostas através de outros recursos disponíveis no seu dia-a-dia.

Neste sentido, o educador tem um papel bastante importante na apresentação dos recursos didáticos ao grupo, uma vez que a sua utilização deverá ser sempre refletida e planeada, antes de ser apresentada às crianças, tendo noção que a criança sente uma enorme curiosidade em descobrir e explorar, importa, pois, apoiá-la nas suas descobertas colocando-a em contacto com diferentes recursos que sejam facilitadores de novas aprendizagens.

3 Enquadramento metodológico

Parte-se do incontestável princípio de que as crianças, ao chegarem à escola, já têm conhecimentos sobre o que as rodeia, já questionam, observam, perguntam, opinam e querem sempre saber mais, sendo capazes de construir o seu conhecimento, em colaboração. A escola e, mais propriamente o/a educador/a ajuda as crianças na continuidade da construção desse saber, contribuindo para clarificar e perceber vários acontecimentos que ocorrem à sua volta, não esquecendo que “A criança já sabe muitas coisas e construiu algumas ideias não só sobre o mundo social e natural envolvente, mas também sobre o modo como se usam e para que servem objetos, instrumentos e máquinas do seu quotidiano” (Silva et al., 2016, p.85).

Nesta linha de pensamento, o trabalho que apresentamos orienta-se a partir da seguinte questão-problema: *De que forma os vários recursos didáticos podem sustentar a aprendizagem do Conhecimento do Mundo?* Após a elaboração da questão-problema, traçaram-se os seguintes objetivos: i) criar condições para a utilização de recursos didáticos potenciadores de aprendizagens múltiplas no contexto de Educação Pré-Escolar; ii) promover o enriquecimento dos contextos e da prática de ensino supervisionada com recursos didáticos inovadores; e iii) proporcionar uma maior utilização, manipulação e exploração de recursos didáticos na descoberta sobre o conhecimento do mundo.

Esta sequência de objetivos expressa uma visão articulada entre a ação pedagógica e a investigação sobre essa ação, reconhecendo às crianças um papel fundamental na reflexão sobre as práticas que se desenvolvem em contexto.

A opção metodológica desenvolvida incide numa investigação de natureza qualitativa. Observar, cooperar e interagir com as crianças é extremamente importante para saber quais as suas necessidades, dificuldades e opiniões. Por isso as metodologias utilizadas são fundamentais e podem influenciar a recolha de dados. Nesta linha de pensamento, é fundamental que as metodologias de recolha de dados sejam adequadas quer aos participantes e ao seu contexto, quer aos objetivos da investigação. Assim, e de forma a recolher dados para dar resposta à problemática em estudo e para sustentar toda a nossa pesquisa, recorreremos a uma tabela de verificação, às produções das crianças, a registos fotográficos e a notas de campo. Toda esta ação de recolha de dados foi enquadrada no âmbito de uma observação participante.

4 Os recursos na prática

Fizemos o estágio de EPE numa instituição situada na cidade de Bragança, pertencente à rede pública do sistema educativo português. Trabalhamos com grupo vertical, de vinte e uma crianças, com três, quatro, cinco e seis anos de idade.

Ao longo da PES, procurou-se proporcionar atividades que promovessem a exploração e manipulação de diversos recursos, desafiando as crianças à ação. Procuramos, também, apresentar atividades em que todas as áreas e domínios de conteúdo fossem desenvolvidas e trabalhadas de forma articulada, tendo sempre em consideração os interesses das crianças. Como nos recordam Silva et al. (2016), importa reconhecer e entender

as “áreas de conteúdo” como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes, disposições e saberes-fazer. Deste modo, a criança realiza aprendizagens com sentido, sendo capaz de as utilizar noutras situações quotidianas, desenvolvendo atitudes positivas face às aprendizagens e criando disposições favoráveis para continuar a aprender (p.31).

Na realização das intervenções, produzimos alguns desses recursos para tornar as atividades mais atrativas, mais estimulantes e mais ricas para o desenvolvimento de múltiplas competências. A nossa preocupação foi sempre a ação das crianças, de forma a motivá-las para as propostas de trabalho apresentadas. Os recursos foram uns dos grandes responsáveis para interligarmos todas as áreas. Tentámos, sempre, que em todas as atividades fossem apresentados e utilizados recursos diferentes. Assim sendo, os recursos utilizados no contexto da EPE foram: livros de histórias, músicas, cartazes, materiais manipuláveis, materiais estruturados e não estruturados, vídeos, jogos. Alguns desses recursos foram o ponto central das intervenções, pois serviam de mote para as restantes atividades. Para além destes, também incluímos outros como as histórias e música, vários materiais como algodão, folhas das árvores, fios de croché, botões, em que inicialmente as crianças exploraram a sua textura e que depois os utilizaram para fazerem as suas próprias composições e produções. Em conjunto, fizemos pasta de papel, despoletando uma atividade em que as crianças, para além de a explorarem, criaram também objetos que posteriormente pintaram com tintas e levaram para casa, proposta sugerida pelas próprias crianças.

De seguida apresentamos algumas atividades que evidenciam o trabalho realizado na EPE, bem como o tipo de recursos utilizados. Sublinha-se que os nomes apresentados nas notas de campo são fictícios, salvaguardando a identidade das crianças.

Começamos a intervenção com a apresentação de vários sacos de papel com elementos da natureza, como folhas das árvores, caules das árvores, flores, terra (solo). Depois de termos identificado todos os elementos que estavam dentro dos sacos, questionamos as crianças sobre o peso que cada um poderia ter. As crianças tiveram oportunidade de pegar nos sacos com as suas mãos, de comparar e perceber qual seria o mais ou menos pesado. Desde o início as crianças mostraram-se muito participativas e prontamente partilharam as suas opiniões:

Maria – O saco com as folhas das árvores é o mais leve.

Tomás – O saco da terra é o mais pesado.

Lucas – Eu acho, que o saco dos paus é mais pesado do que o saco que têm as flores.

Educadora Estagiária (EE) – Será que existe uma forma de ficarmos a saber qual é o saco mais pesado?

Maria – Catarina, podemos usar uma balança!

EE – Boa ideia Maria. Mas onde é que podemos encontrar uma balança agora?

Maria – Podíamos trazer de casa amanhã.

EE – E se eu vos disser que temos uma balança aqui na sala?

Tomás – Onde é que está?

Lucas – Deve estar escondida.

Andreia - Deve estar no saco que trouxeste hoje de manhã.

EE – Será?

Nota de campo n.º 1, abril de 2021

Foi então que apresentamos uma balança em madeira, construída previamente, por nós. A primeira reação das crianças ao ver o recurso que lhes tínhamos apresentado foi de entusiasmo e quiseram de imediato mexer e experimentar. Em conjunto, as crianças foram explorando a balança, testando-a com os vários sacos que tínhamos disponibilizado anteriormente. Foi bastante interessante observar as crianças a pesarem os sacos dos elementos com os vários materiais retirados da natureza e a tirarem as suas conclusões. E ficamos a saber qual era o saco mais pesado e o mais leve e as crianças fizeram o seu registo. No final desta atividade, disponibilizamos vários sacos para que as crianças, se quisessem, colocassem outros elementos para posteriormente os pesarem. É de salientar que colocamos a balança à disposição das crianças na área do mercado (área escolhida pelas próprias crianças) para que pudessem brincar e explorá-la sempre que assim o entendessem.

A utilização deste recurso proporcionou um contacto mais direto com conceitos matemáticos e que fazem parte do quotidiano das crianças. Reconhecendo que as “experiências possibilitam que as crianças compreendam progressivamente a utilidade de instrumentos de medidas padronizadas, dado que estas também fazem parte do seu quotidiano” (Silva et al., 2016, p.82). As crianças desenvolveram o seu pensamento matemático, estando envolvidas em

brincadeiras e coube-nos a nós proporcionar oportunidades para que pudessem explorar as suas ideias fomentando-as com as suas discussões.

Em grande grupo, procedemos à exploração e à leitura do álbum narrativo “Segredos da Natureza”, de Carron Brown. Este livro tinha uma particularidade que se reporta ao facto de, durante a leitura, utilizarmos uma luz projetada por trás das páginas, de modo a permitir que aparecessem alguns elementos naturais que estavam “escondidos” nas árvores. Este foi um recurso que despertou a curiosidade das crianças e as motivou para conhecerem os segredos da natureza. Com este livro pretendíamos que as crianças percebessem que não somos os únicos seres a utilizar a Natureza, existindo outros animais, plantas e fungos, por exemplo, e que todos devemos cuidar dela.

Após a leitura do livro, apresentamos às crianças uma árvore pintada em cartão, idêntica à do livro, e imagens das “personagens” que foram aparecendo ao longo da história, como: folhas, animais e frutos. O objetivo era que, sem verem, as crianças retirassem do saco, um desses elementos e que os colassem, onde desejassem, na figura da árvore que lhes apresentamos. Esta simples atividade transformou-se num jogo, pois muitas vezes eram as próprias crianças a tentar adivinhar que imagem retiraria o colega de dentro do saco. No final, afixamos o cartaz na parede da sala, ao qual as crianças atribuíram o nome do livro “Segredos da Natureza”. A partir deste cartaz aproveitamos para perguntar às crianças:

EE - O que é que as árvores nos podem oferecer?

Maria – As árvores dão-nos flores, frutos, ...

EE – Vocês sabiam que é através das árvores que nós temos as folhas para escrever, para fazer desenhos?

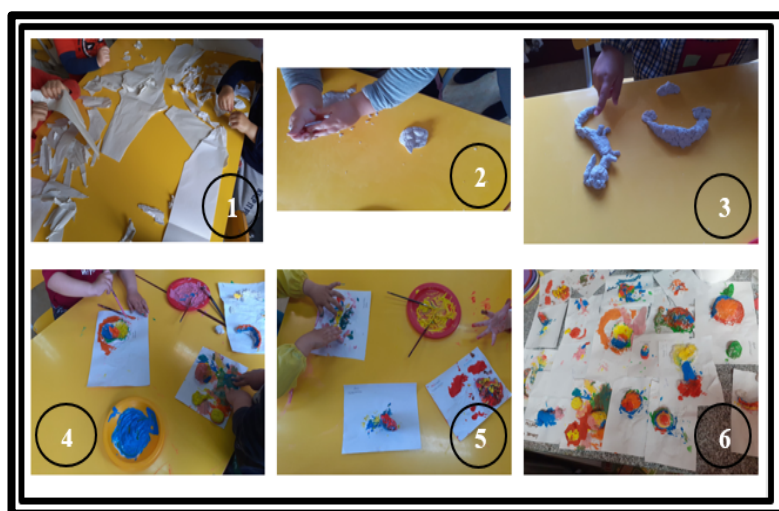
Tomás – Então não devemos deitar ao lixo as folhas, podemos fazer mais desenhos na parte de trás das folhas.

EE – E se eu vos disser que podemos aproveitar as folhas velhas, sem as deitarmos fora, para fazermos algo diferente.

Andreia – E o que é que podemos fazer?

Nota de campo n.º 3, abril de 2021

Propusemos às crianças fazer pasta de papel, com papéis e jornais usados. Assim, começamos por desafiar as crianças a recortarem em pedaços as folhas e os jornais. Depois de termos bastante papel em pedaços, juntamos água e deixamos em repouso, para continuarmos a tarefa no dia seguinte. A curiosidade e a expectativa das crianças eram grandes para saberem como iria ficar a pasta de papel. No dia seguinte retiramos o excesso da água e acrescentamos cola branca, para podermos, assim, obter a pasta de papel (ver figura 1).



Legenda

Recorte em pedaços dos jornais e revistas usados;
Exploração da pasta de papel;
Criação dos objetos/figuras em pasta de papel;
Pintura das produções das crianças;
Pintura das produções das crianças;
Produções das crianças em pasta de papel.

Figura 1: Registos fotográficos da atividade: produção e utilização da pasta de papel.

Fonte: Elaboração própria.

Criamos oportunidade para as crianças irem manipulando e observando a formação da pasta. “*É esquisito*”, “*É mole*”, “*É fixe*”, “*Parece plasticina*” (Nota de campo n.º 4, abril de 2021) foram alguns dos comentários que as crianças fizeram aquando da produção da pasta de papel. Depois de concluída a pasta de papel, desafiamos as crianças a criarem/construírem um objeto/figura. O empenho das crianças nesta atividade foi notório. As crianças tiveram a oportunidade de manipular, explorar, brincar e concretizar a proposta de trabalho apresentada. Algumas crianças manifestaram alguma dificuldade em fazer este trabalho, mas com a nossa ajuda e a da educadora, foi facilmente ultrapassada. Resultaram desta atividade objetos muito originais, como por exemplo: frutos, unicórnios, arco-íris, árvores, dinossauros, caracóis, pedras, nuvens, entre outros.

Quando os objetos/figuras secaram, as crianças pintaram-nas e também nesta fase o empenho das crianças foi evidente, assim como o orgulho e satisfação pela peça produzida. No final, as crianças sugeriram levar as suas obras de arte para casa, para mostrarem e partilharem com os pais e assim foi.

Os recursos utilizados foram o mote para as atividades planeadas e apresentadas às crianças, sendo um fator motivador para execução das propostas de trabalho. A opinião das crianças foi bastante positiva e superou as nossas expectativas.

Numa outra intervenção cuja intencionalidade educativa passou por favorecer o conhecimento das características de alguns elementos da natureza e organizá-los em vários conjuntos, começamos por mostrar às crianças um puzzle de adivinhas.

Iniciamos por apresentar uma parte das peças do jogo, as soluções das adivinhas, que tinham imagens de flores, frutos e animais. As crianças foram identificando esses elementos, a forma e a cor que as peças apresentavam, uma vez que uma das pontas das peças tinha uma forma e cor diferente das outras. Dentro de uma caixa branca, estavam guardadas as restantes peças do jogo que tinham as adivinhas, em que as soluções seriam as peças que tínhamos inicialmente apresentado às crianças. Explicamos então que as peças que estavam na caixa eram adivinhas e que as respostas a elas se encontravam nas imagens que estavam em cima da mesa de trabalho. À medida que apresentávamos as adivinhas, íamos pedindo a opinião das crianças sobre a sua solução. Quando adivinhava a resposta, a criança que encontrasse a imagem correta encaixava-a na respetiva adivinha, integrando estas a forma de puzzle. O jogo foi integrado na área dos jogos para que as crianças o pudessem utilizar como jogo, aproveitando, para relembrar as adivinhas.



Figura 2: Peças do jogo: “Adivinhas da Natureza”.

Fonte: Elaboração própria.

O puzzle das adivinhas foi a ligação para a atividade seguinte: a elaboração de um cartaz com os vários conjuntos da natureza. Apresentamos várias imagens de árvores, frutos, animais e flores. Uma criança, de cada vez, retirava uma dessas imagens, identificando-a. Quando todas as crianças retiraram a sua imagem fizemos a divisão por conjuntos, formando assim, quatro grupos de trabalhos. As crianças organizaram-se em grupo pelas mesas de trabalho da sala e apresentamos pedaços de cartolina recortados em quatro formas iguais, que encaixavam umas nas outras sob a forma de um puzzle, formando uma imagem em forma de círculo (de modo a ser passível de ser entendida como uma representação da Terra). Numa primeira fase, não revelamos às crianças que os pedaços de cartolina juntos formavam a imagem com a forma acima referida.

Distribuímos os pedaços de cartolina por cada grupo e demos liberdade para que, em grupo, decidissem como concretizar a proposta de trabalho, podendo desenhar os elementos do seu conjunto ou recorrendo às imagens que tínhamos colocado à disposição dos grupos.

Ao longo da execução do trabalho, observamos a interajuda e a organização que existia nos grupos, os mais velhos ajudavam os mais novos na execução da tarefa. No final, cada grupo apresentou o trabalho que fez.

A atividade correu como planeada e as crianças envolveram-se nas propostas de trabalho que apresentamos. Foi a primeira vez que propusemos que trabalhassem em pequenos grupos e de uma maneira geral correu bastante bem. Observamos momentos de partilha, de troca de ideias e de ajuda entre todos os elementos do grupo. Estes são aspetos importantes que contribuem positivamente para a aprendizagem de todas as crianças. Trabalhar em grupo “permite que as ideias de uns influenciem as dos outros. Este processo contribui para a aprendizagem de todos, na medida em que constitui uma oportunidade de explicitarem as suas propostas e escolhas e como as conseguiram realizar” (Silva et al., 2016, p.25). Para nós foi importante verificar em contexto prático como é rico (e enriquecedor) o trabalho realizado em pequenos grupos.

5 Apresentação, análise e interpretação dos dados recolhidos

Com o objetivo de recolher informação sobre a opinião das crianças acerca da utilização dos recursos nas EEA, foi implementada uma tabela com elementos/desenhos que referissem tais materiais e que se encontram elencados na figura 3. É de realçar que todas as EEA desenvolvidas foram planeadas e adaptadas ao grupo de crianças, tendo em conta os *feedbacks* transmitidos por elas, os interesses e as necessidades das crianças.

Nesta recolha de dados registou-se a resposta de dezoito crianças com idades de três, quatro, cinco e seis anos de idade.

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
|-----------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| [Image 1] | X | | | | | | | | | | | | | | | | | X | | |
| [Image 2] | | X | | X | | | | | + | | | | | | | X | | | | |
| [Image 3] | | | | | | | | | | | | | | | | | | - | | + |
| [Image 4] | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| [Image 5] | | | | | X | | | | | X | | | | | X | | | | | |
| [Image 6] | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| [Image 7] | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Figura 3: Tabela de recolha de dados implementada na Educação Pré-Escolar.

Fonte: Elaboração própria.

A tabela apresentada às crianças tinha fotografias de todos os recursos utilizados nas EEA realizadas ao longo das nossas intervenções. Para tal, dividimos os recursos por sete grupos: 1- livros, 2- televisão e casa (ambas feitas em cartão), 3- balança (feita em madeira), 4- vídeos (informativos e de sensibilização), 5- jogos (puzzles, memória, tabuleiro), 6- cartas e 7- cartazes (informativos e de sensibilização).

Ressalvamos que a tabela foi implementada no último dia de estágio, ou seja, todas as experiências de ensino-aprendizagem já tinham sido concretizadas e, conseqüentemente, todos os recursos já tinham sido apresentados às crianças e estas já tinham tido oportunidade de os observar, explorar e manipular.

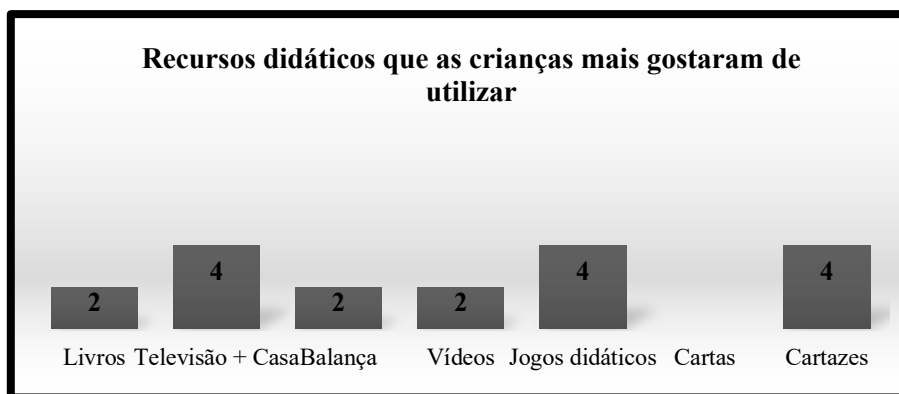


Figura 4: Gráfico de recursos didáticos que as crianças mais gostaram de utilizar.

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisarmos a figura 4 deparamo-nos com um certo equilíbrio nas escolhas dos recursos. Apenas as cartas não foram escolha de nenhuma criança. Podemos observar que a televisão + casa (21,05%), os jogos (21,05%) e os cartazes elaborados (21,05%) foram os mais referidos pelos elementos deste grupo, sendo que cada um destes recursos obteve a escolha de quatro crianças.

Sempre foi nossa intenção que as crianças participassem ativamente e que explorassem todos os recursos didáticos, proporcionando momentos mais descontraídos, de partilha e troca de opiniões. Foi possível constatar esse facto com as justificações que nos apresentaram quando as questionamos, em grande grupo, se gostaram dos recursos que levamos para completar as intervenções. Quase todas as crianças partilharam o mesmo posicionamento, ao afirmarem que gostaram das atividades que tinham recursos diferentes e diversificados pois assim conseguiam manipulá-los e explorá-los. Nas palavras das crianças, “aprendemos muitas coisas”, “tínhamos desafios”, “eram divertidos”.

Com a análise de toda a informação recolhida durante a PES, podemos verificar que as crianças destacam pela positiva a utilização de recursos diversificados e que, na opinião delas, as atividades permitiram desenvolver várias capacidades importantes para as suas aprendizagens. As atividades ficavam notoriamente diferentes e eram mais valorizadas pelas crianças que estavam mais motivadas, atentas, interessadas e todas queriam participar. Ao longo das intervenções e com a análise dos dados recolhidos através das observações, das notas de campos, dos registos fotográficos, das produções das crianças, e pelo feedback que estas nos iam transmitindo, podemos constatar que as crianças se sentiam entusiasmadas, motivadas e felizes no decorrer das atividades e que apreciavam os seus trabalhos. Era evidente a motivação, o empenho e o interesse delas ao longo da exploração e manipulação dos vários recursos que lhes apresentamos, desafiando-as à ação e a terem um papel ativo na sua aprendizagem.

6 Considerações finais

A manipulação e utilização de vários recursos didáticos leva a que haja uma maior motivação e empenho das crianças na realização das atividades (Silva et al., 2016, Graells, 2000). Os recursos didáticos captam uma maior atenção das crianças para as atividades, tendo estas uma atitude mais ativa na construção das suas aprendizagens. O uso de recursos didáticos diferenciados, para além de facilitar e auxiliar na construção do conhecimento do mundo, são também um suporte relevante para o/a educador/a, esperando-se que o seu uso seja proveitoso para práticas mais dinâmicas, motivadoras e que contribuam para o desenvolvimento holístico das crianças.

A manipulação e exploração de recursos didáticos oferecem maiores oportunidades da criança se desenvolver enquanto experimeta, pois descobre, inventa e aprende, passando a ter uma atitude mais ativa na construção das suas aprendizagens. É por isso importante que a criança tenha à sua disposição um leque variado e rico de diferentes recursos, tendo momentos para os manusear livremente, sozinha ou em grupo. Neste sentido, cabe ao/a educador/a proporcionar às crianças momentos de contacto com recursos diversificados nas várias experiências de ensino-

aprendizagem e nas várias áreas e domínios. Foi nosso objetivo, ao longo de toda ação educativa, procurar desenvolver EEA que permitissem a utilização de pelo menos um recurso didático-pedagógico diferenciador, no processo de ensino-aprendizagem, enriquecendo as intervenções e que proporcionassem novas experiências e aprendizagens. Ao enriquecer as intervenções com diversos recursos, foi possível observar que as crianças gostavam de os usar e sempre que era possível queriam que voltássemos a recorrer a eles. Ficavam mais motivadas e interessadas.

Por tudo isto, podemos referir que os recursos didáticos são grandes aliados na construção do conhecimento e podem contribuir positivamente para aprendizagens significativas e diversificadas por parte das crianças, sustentando as descobertas de si e do mundo.

Referências

- Alvarenga, E. M. (2012). *Metodologia da Investigação Quantitativa e Qualitativa*. Edição gráfica: A4Diseños.
- Caldeira, M. F. (2009). *A Importância dos Materiais para uma Aprendizagem Significativa da Matemática*. Tese de doutoramento, Universidade de Málaga.
- Ferreira, S. M. M. (2007). *Os recursos didáticos no processo ensino-aprendizagem*. <https://core.ac.uk/download/pdf/38682397.pdf>
- Graells, P. M. (2000). *Los medios didácticos*. <http://peremarques.pangea.org/medios.htm>
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de educação*, Vol 2 (2), 49-65.
- Pires, C. M. (2010). A investigação-ação como suporte ao desenvolvimento profissional docente. *EduSer: revista de educação*. 2:2, p. 66-83
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. Em J. P. Ponte, I. Oliveira, L. Serrazina, A. Boavida, I. Segurado, O. Sousa, . . . J. Carrillo, *Reflectir e Investigar sobre a Prática Profissional*. 5-28: Associação de Professores de Matemática.
- Ricoy, M. C., & Couto, M.J. (2012). Os recursos educativos e a utilização das TIC no Ensino Secundário na Matemática. *In Revista Portuguesa de Educação*, 25(2), 241-262
- Santos, O. K., & Belmino, J.F. (2013). Recursos Didáticos: *Uma melhoria na qualidade da aprendizagem*.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. ARTVED.